

Dinheiro traz a felicidade?

Marcelo Néri

Centro de Políticas Sociais do IBRE e da EPGA

O senso comum nos informa que a felicidade pode ser considerada como o objetivo último na vida de cada pessoa. O estudo da satisfação com a vida tem interesse intrínseco bem como outras motivações, como a avaliação de políticas públicas alternativas e a solução de quebra-cabeças empíricos da economia. Em relação a este último aspecto, provavelmente o paradoxo mais intrigante a ser explicado é a correlação extremamente fraca que diversos estudos apresentam entre renda, a variável mais venerada em economia, e felicidade. Inúmeros países que experimentaram um aumento drástico na renda real desde a Segunda Guerra não observaram um aumento no bem-estar auto-avaliado pela população, pelo contrário, a mesma diminuiu.¹ Em um dado ponto no tempo, a renda mais alta está positivamente associada à felicidade das pessoas, contudo ao longo do ciclo de vida e ao longo do tempo, esta correlação é fraca, como no chamado Paradoxo de Easterlin. As pessoas adaptam suas aspirações aos maiores ingressos e se tornam mais exigentes à medida que a renda sobe. Como veremos mais adiante, esta visão foi recentemente desafiada por resultados empíricos apresentados por Angus Deaton (2007).



É muito cedo para escolher o lado da discussão, mas o lançamento dos novos dados do Gallup World Poll que cobrem mais de 132 países, ampliaram o horizonte geográfico da discussão, e o trabalho pioneiro de Deaton neles reembaralharam as cartas de felicidade com as notas de dinheiro. Sem ainda fazer apostas em dinheiro como causa principal da felicidade, discutimos a partir dos micro-dados deste mesmo conjunto de informações, cujo acesso foi propiciado pelo projeto sobre Qualidade de Vida do Banco Interamericano (BID),

as relações entre renda e felicidade. Esta rica base de micro-dados e resultados da nossa contribuição ao projeto do BID estão sendo explorados numa seqüência de artigos, iniciada no número anterior da *Conjuntura Econômica*.

Felicidade observada — A fraca e volúvel relação entre renda e felicidade nos estudos empíricos motivou pesquisadores irem um passo adiante da posição “objetivista” da teoria econômica, baseada somente nas escolhas feitas pelos indivíduos e que podem ser observadas. Na abordagem tradicional, a utilidade individual depende apenas de bens tan-

gíveis, serviços e lazer, e é inferida quase que exclusivamente do comportamento (ou preferência revelada). A abordagem axiomática da preferência revelada explica que as escolhas feitas fornecem toda a informação necessária a partir da utilidade dos indivíduos. De acordo com Sen (1986) “a popularidade desta visão pode ser atribuída à crença peculiar de que escolha (...) é o único aspecto humano que pode ser observado”.

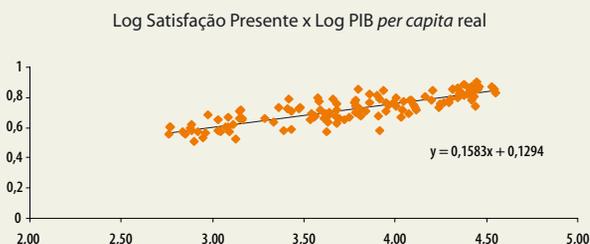
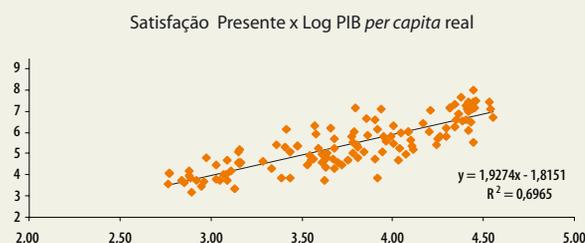
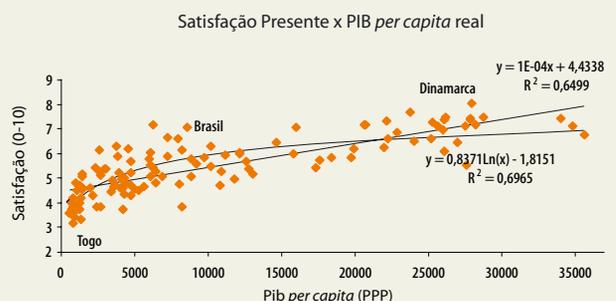
A partir do trabalho de Easterlin (1974), cuja relevância aumenta a partir da última parte da década de 90 — quando um conjunto de economistas começou a realizar análises empíricas de larga escala sobre os determinantes da felicidade em diferentes países e períodos² —, o interesse econômico na mensuração do bem-estar individual subjetivo cresceu consideravelmente.

Uma visão subjetiva de utilidade reconhece que cada pessoa tem suas próprias idéias sobre felicidade e sobre o que é uma vida boa. Nesta perspectiva o comportamento observado seria um indicador incompleto para o bem-estar individual. A felicidade dos indivíduos poderia ser captada perguntando diretamente às pessoas o quanto elas estão satisfeitas com suas vidas. As variáveis de interesse estão baseadas no julgamento das pessoas por elas mesmas, de acordo com a premissa de que elas são os melhores juízes sobre a qualidade geral de suas vidas, e, portanto, nenhuma estratégia poderia ser mais natural e direta do que lhes perguntar sobre seu nível de bem-estar. A principal idéia é que o conceito de felicidade subjetiva nos possibilitaria captar diretamente o bem-estar humano, ao invés de mensurar renda, ou outras coisas, que não são exatamente o que ao fim e ao cabo as pessoas querem, mas que são, ao contrário, os meios através dos quais se pode conseguir — ou não — usufruir da felicidade.

Segundo Frey e Stutzer (2002), bem-estar (*well-being*) subjetivo é um conceito mais amplo do que a utilidade da decisão e é o objetivo final. Eles sustentam que, para muitos fins, a felicidade ou o bem-estar subjetivo relatado é uma aproximação empírica satisfatória para a utilidade individual. Como as pessoas mensuram seu nível de bem-estar subjetivo em relação às circunstâncias pessoais e às outras pessoas, incluindo experiências passadas e expectativas futuras, eles sugerem que medidas de bem-estar subjetivo sirvam como medidas de utilidade. Ademais, como o propósito de mensurar a felicidade não é comparar seus níveis no sentido absoluto, mas identificar os determinantes da felicidade, como será feito aqui, não é necessário assumir que o bem-estar subjetivo relatado é, de forma cardinal, mensurável ou que é comparável entre as pessoas. Além disso, de acordo com Diener (1984) — baseado em estudos como Fernandez-Dols e Ruiz-Belda (1995), que encontraram a alta correlação entre felicidade reportada e sorriso, e Honkanen Koivumaa et alli (2001), que encontraram a mesma correlação entre infelicidade, cérebro e atividade cardíaca — “estas mensurações subjetivas parecem conter quantidades substanciais de variação válida”.

Desafiando interpretações — Angus Deaton (2007) usando dados do Gallup World Poll não apenas desafia as interpretações mais ou menos estabelecidas da literatura empírica prévia, em particular que “dinheiro não traz felicidade, ou seja, satisfação com a vida no longo prazo”. O artigo de Deaton (2007) é a referência-chave dissonante da literatura empírica. Iniciamos pelos mesmos dados do Gallup World Poll de 2006 que está disponível para 132 países, explorando exercícios simples bivariados de satisfação com a vida em níveis e diferenças através de diferentes horizontes contra o PIB *per capita* ajustado por paridade de poder de compra a fim de compararmos laranjas com laranjas entre países. O mergulho inicial do impacto da renda ao nível mundial sobre a satisfação com a vida nos informa que Togo ocupa a lanterninha com 3,2 numa escala de 0 a 10 e a Dinamarca o ápice com 8,02. O Brasil está numa posição mais para a nação européia do que para a africana, atingindo 6,64, se situando acima da norma internacional de felicidade dado o seu PIB *per capita*.

Correlação entre PIB e Satisfação com a Vida Testando formas funcionais diferentes



Fonte: Microdados da Gallup World Poll 2006 e Pen World Tables

A elasticidade-renda de longo prazo da felicidade geral das nações é constante: para cada 10% de incremento de renda a felicidade sobe 1,5%

adequar-se melhor aos dados — que é inclusive mais condizente com o modelo teórico usado pelo próprio Deaton. Neste último caso o coeficiente estimado nos informa diretamente que a elasticidade-renda de longo prazo da felicidade seria constante: para cada 10% de incremento de renda a felicidade subiria algo como 1,5% no longo prazo.

Felicidade futura — Além de satisfação presente com a vida, tiramos partido de questões sobre satisfação tanto prospectivas (cinco anos à frente) quanto retrospectivas (cinco anos atrás). A nossa principal aposta e argumento é que tais questões são construções úteis, pois elas são geradas dentro dos mesmos níveis de aspirações individuais. Se a renda muda, o nível de aspirações subjetivas que interagem com dados de realidade objetivos também muda a longo prazo. A corrida entre movimentos ao longo das curvas e o deslocamento das curvas configura o epicentro da discussão de adaptabilidade às circunstâncias.

Os níveis de satisfação, observados em diferentes instantes, resultado da combinação entre fluxos de renda, ou estoques percebidos de riqueza, com as aspirações, fazem as funções de produção de felicidade se deslocar. Os dados longitudinais vistos desde um ponto do tempo, combinam o mesmo efeito fixo individual e temporal. Mesmo que tivéssemos dados que acompanhassem as mesmas pessoas ao longo do tempo, a comparação entre os níveis de satisfação auferido entre diferentes instantes envolveria níveis diferentes de aspirações, bem como variáveis objetivas, como condições materiais diversas. De modo a analisar a formação da satisfação com a vida a curto prazo, devem-se separar aspirações de outros determinantes. Ao trabalhar com diferentes momentos no tempo, mas vistos

Deaton trabalha basicamente com regressões de médias entre países (*cross-country regressions*) e sugere que uma especificação log-linear se ajusta melhor aos dados do que uma especificação em nível implicando numa relação côncava. O segundo gráfico mostra uma relação quase linear entre log de renda e satisfação com a vida presente, o que poderia se suspeitar da linha de tendência logarítmica melhor ajustada aos dados que a reta do gráfico mais acima. O terceiro gráfico mostra que a dupla relação em logaritmos (vide tabela), aqui proposta, parece

simultaneamente de um ponto específico no tempo — quando a entrevista é feita —, o nível de aspiração individual pode ser tomado como constante na comparação temporal. Essa é a presunção básica dos modelos intertemporais onde o problema é resolvido dependendo não apenas das expectativas de variáveis futuras, mas também na esperada estrutura de utilidade num certo momento — geralmente, no presente.

As regressões demonstram que a renda corrente tem mais impacto sobre a felicidade presente do que sobre a futura o que seria consistente com a presença de miopia, impaciência, defasagens de hábitos, incertezas ou de restrições no mercado de crédito que tornariam a felicidade presente mais sensível a mudanças de renda observadas no mesmo período. Todos estes elementos são também candidatos a explicar a trajetória crescente de felicidade ao longo do tempo.

Correlação entre PIB per capita e Satisfação com a Vida

Testando diferentes momentos e formas funcionais

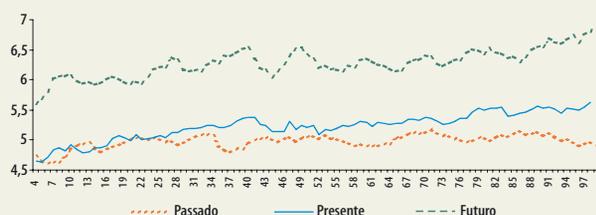
Variável X	Estimativa	t estat
PIB per capita Real		
Presente	0,000098	15,0476
Futuro	0,000049	6,5468
Futuro - Presente	-0,000050	-8,5822
log PIB per capita Real		
Presente	1,9274	16,7310
Futuro	0,8850	6,2070
Futuro - Presente	-1,0599	-10,5172
log PIB per capita Real		
log Presente	0,1583	17,1103
log Futuro	0,0576	6,0912
log Futuro - log Presente	-0,1007	-13,5168

Fonte: Microdados da World Gallup Survey 2006 e Pen World Tables

Felicidade Latina — Além da atual satisfação com a vida agora captada na América Latina e Caribe em 2007, discutimos também expectativas de satisfação cinco anos adiante (2012) e memórias de satisfação com a vida há cinco anos atrás (2002), bem como as diferenças absolutas entre estes conceitos. Mais uma vez, este intervalo cobre um período de grande crescimento econômico. Portanto, num contexto onde um futuro brilhante não pode ser antecipado em termos de felicidade presente, é natural que a atual satisfação com a vida esteja acima de seus valores passados. Similarmente, dados os futuros prospectos de crescimento acelerado, mesmo após as instabilidades de 2007, a futura satisfação com a vida também está acima dos níveis atuais. A diferença maior de ganhos de felicidade prospectivos *vis-à-vis* os ganhos retrospectivos, parecem dar suporte mais a importância a não

Satisfação com a Vida e Renda na América Latina e Caribe 2007

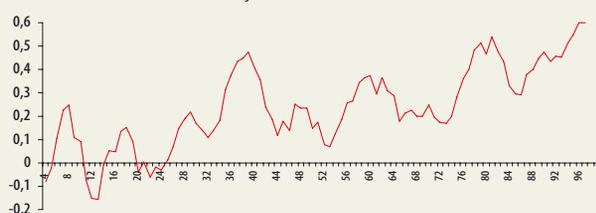
Bem-estar presente, passado e futuro e Renda *per capita* atual
(Média Móvel 5 Percentis)



Diferença Futuro - Presente



Diferença Presente - Passado



Fonte: CPS/FGV a partir dos Microdados Gallup World Poll 2007

convexidades do modelo básico de escolha temporal mais de natureza *ex-ante* do que *ex-post*. Por exemplo, no caso de defasagem de hábitos: quando olhamos as conquistas realizadas estamos já com as aspirações ajustadas aos ganhos materiais conseguidos, enquanto o olhar ao futuro é mais fresco, com aspirações ainda inalteradas pela experiência de vida.

Precisamos considerar que este período corresponde à era dourada da economia mundial observada desde 2002 a 2007 em termos de expectativas para os próximos cinco anos. A relação positiva entre a atual renda *per capita* e satisfação com a vida em diferentes horizontes de tempo fica clara no gráfico.³ As curvas são muito mais pronunciadas para a atual e especialmente a satisfação futura do que para a passada. A atual satisfação com a vida é muito mais alta do que seu correspondente valor passado para aqueles percentuais de renda mais elevados. Estes grupos de maior renda presente captam aqueles com uma maior proporção de efeitos transitórios positivos que separam a satisfação presente da passada. Pelas mesmas razões, indivíduos com

renda atual mais alta apresentam ganhos mais modestos em relação à satisfação futura frente a presente do que níveis de renda mais baixos. A evidência parece corroborar pelo menos algumas das considerações que inspiraram o livro de Milton Friedman (1957). Renda permanente parece também estar influenciando a satisfação com a vida para além dos efeitos diretos da renda atual.

Segundo Adam Smith, o pai da disciplina, o estudo da economia deveria tratar como central a determinação do nível de felicidade individual. Não rejeitamos aqui a renda e a riqueza como determinantes da satisfação com a vida dos indivíduos. Nesta visão, o livro de Smith poderia ser intitulado de “A Felicidade Geral das Nações”. Indo para os detalhes mais dinâmicos da relação entre renda e felicidade, ao interpretarmos de maneira literal as “funções instantâneas de felicidade” de diferentes instantes do tempo, verificamos que o peso relativo atribuído à renda corrente muda entre eles, dando suporte a uma visão mista onde os indivíduos suavizam a sua satisfação frente a mudanças observadas entre diferentes instantes do tempo e estados da natureza, mas é uma suavização parcial ou imperfeita. Um próximo passo será precisar os canais que levam a este resultado a partir de um modelo temporal aditivo tirando partido de outras variáveis contidas na base de dados como de estoque de riqueza, de acesso a crédito e de incerteza. Outra extensão mais em linha com a literatura anterior é analisar como a relação entre renda e felicidade muda de acordo com a trajetória individual e circunstâncias agregadas, como aquelas relacionadas às condições da economia dos países e de grupos de referência (efeito-inveja⁴). Finalmente, o estudo das relações entre a idade dos indivíduos e a satisfação presente e futura pode fornecer *insights* interessantes no teste de implicações da Teoria do Ciclo de Vida de Franco Modigliani que é um marco natural de análise para se analisar a evolução da satisfação com a vida das pessoas. ▀

¹ Veja Richard Easterlin (1975, 1995, 2001), Blanchflower e Oswald (2000); Diener e Oishi (2000); e Kenny (1999).

² Para sumários da literatura, veja Kahneman, Diener, and Schwarz (1999) and Frey and Stutzer (2002).

³ Isto é feito apenas para América Latina em função da disponibilidade de dados construídos de renda *per capita* ajustada por paridade do poder de compra gentilmente cedidos por Leonardo Gasparini do Centro de Estudios Distributivos, Laborales Sociales (CEDLAS) da Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

⁴ Por estrutura esperada da utilidade do tempo de vida, quero dizer: funções de felicidade instantânea para diferentes períodos e o modo como estas funções interagem entre si ao longo do tempo. Por exemplo, pode ser uma estrutura aditiva simples onde se assume que não há interação no tempo, além daquela referente à restrição de tempo do orçamento, ou pode incorporar a explícita dependência do tempo, como defasagem de hábitos, e do entorno como no *efeito-inveja* (*keeping up with the Jones*). As estruturas aditivas permitem inferências mais simples sobre a relação entre a duração da vida e a utilidade instantânea.